

BAHIA DE TODOS OS CANTOS

TERRITÓRIOS DE IDENTIDADE

Portal do Sertão, Piemonte do
Paraguaçu e Bacia do Jacuípe
mostram os caminhos para o
desenvolvimento na Bahia

Página 16

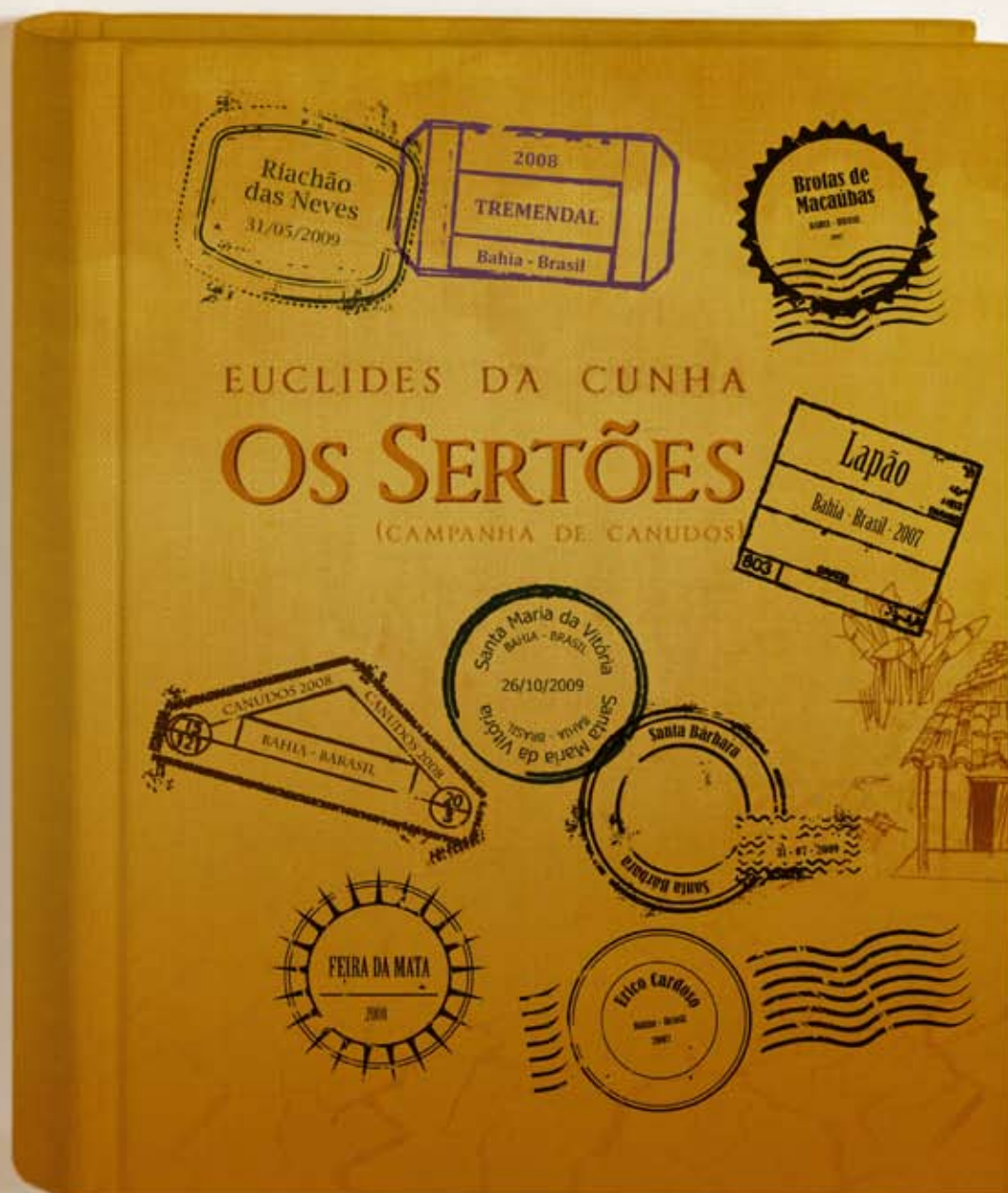
DE PERTO

A transformação
promovida pelo Topa,
a identidade cultural
em laço e o couro de
Ipirá para o mundo

Página 8

{ 75 bibliotecas públicas
implantadas desde 2007. }

{ O conhecimento agora chega
para cada vez mais baianos. }



O COMPROMISSO AGORA É ZERAR O NÚMERO DE MUNICÍPIOS SEM BIBLIOTECAS EM 2010.

Desde 2007, a Fundação Pedro Calmon, com o apoio do Governo Federal e das prefeituras municipais, implantou em todo o Estado 75 bibliotecas municipais informatizadas, dotadas de equipamentos eletrônicos e com um rico acervo de obras literárias. Até o final deste ano a meta é garantir que todos os municípios baianos sejam beneficiados. As bibliotecas públicas estaduais também foram contempladas e já estão passando por reformas e adquirindo publicações. Tudo isso está modernizando a biblioteca pública e garantindo aos baianos muito mais acesso à cultura e ao conhecimento.



Secretaria
de Cultura

www.fpc.ba.gov.br



BAHIA DE TODOS OS CANTOS

Água para todos no Piemonte do Paraguaçu

3

REVISTA BAHIA DE TODOS OS CANTOS

Uma publicação do Governo do Estado, através da Secretaria de Cultura, Secretaria de Planejamento e Casa Civil.

Tiragem: 20 mil exemplares

Impressão: Empresa Gráfica da Bahia

Distribuição gratuita

GOVERNADOR

Jaques Wagner

SECRETÁRIA DA CASA CIVIL

Eva Maria Dal Chiavon

SECRETÁRIO DE PLANEJAMENTO

Walter Pinheiro

SECRETÁRIO DE CULTURA

Márcio Meirelles

DIRETOR-GERAL DA EGBA

Luiz Gonzaga Fraga de Andrade

DIRETOR DE PLANEJAMENTO

TERRITORIAL

Benito Juncal

DIRETOR DA FUNDAÇÃO PEDRO CALMON

Ubiratan Castro de Araújo

CONSELHO EDITORIAL

André Santana (FPC), Ana Romero (EGBA),

Cyntia Nogueira (SECULT), Pablo Barbosa (SEPLAN)

EXPEDIENTE

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Vânia Lima | DRT 2170

PAUTA

Carla Bahia, Eneida Trindade

PRODUTORES

Cristiano Moraes, Bruno Ramos e Rafael Pereira

REPORTAGENS

Zeção Castro e Vanessa Francisco (Tv)

EDIÇÃO

Vânia Lima | DRT 2170

DIREÇÃO FOTOGRÁFICA

Mateus Pereira, Cláudio Antônio (Tv)

PROJETO GRÁFICO ORIGINAL

Frederico Filho

PROJETO GRÁFICO ATUAL

André Portugal

DIREÇÃO DE ARTE

Aline Cerqueira, Tamyr Mota

ILUSTRAÇÕES

Gabriel Mello

REVISÃO

Rita Canário

REALIZAÇÃO

Lima Comunicação

EDITORIAL

A terceira edição da revista Bahia de Todos os Cantos visitou três territórios situados no semiárido baiano – Portal do Sertão, Bacia do Jacuípe e Piemonte do Paraguaçu – e traz histórias de superação e empreendedorismo.

Histórias como a de Catarino Bastos, 47 anos, que preside a Associação Comunidade Kolping, entidade que agrega 80 famílias de pequenos produtores rurais. Ou a que nossos repórteres registraram no povoado de Patos, distrito de Rafael Jambeiro, envolvendo dona Adalgisa Correia de Souza, 50 anos. Ela aprendeu a ler e a escrever por meio das aulas do Programa Todos pela Alfabetização e agora pode visitar a mãe, em São Paulo, sem receio de não entender os letreiros dos ônibus.

Já em Cajueiros, também distrito de Rafael Jambeiro, a equipe de reportagem levantou cedo, ainda de madrugada, para conhecer o trabalho de Estevão Leite Lima, 55 anos, que abre, diariamente, os registros do Programa Água para Todos na localidade, e a história do vigilante Antonio da Conceição, 40 anos, e de sua esposa, que não precisam mais pegar água na cisterna de dona Germina. Agora basta abrir a torneira.

Apenas naquele município são oito poços para captação de água em pleno funcionamento, a uma profundidade que vai de 80 a 100 metros. No total, 1.800 poços já foram perfurados e a meta é alcançar 2.300 até o final de 2010.

Em Feira de Santana, no território Portal do Sertão, descobrimos que metade das mercadorias que circulam na Bahia passa por aqui, promovendo a articulação entre a capital, o interior e as regiões Nordeste e Sudeste. As 26 estradas que passam pela cidade contribuem para a circulação de mercadorias e serviços, fluxos populacionais.

Plantar, colher, entalhar, vender, comprar, transportar, cantar são alguns dos verbos que marcam esta edição repleta de boas histórias.

Boa leitura!



ENTREVISTA

Desenvolvimento territorial e preservação da natureza: uma conversa com Humberto Oliveira, do Ministério do Desenvolvimento Agrário.

6



DE PERTO

São 460 mil novos cidadãos formados pelo Topa. Em Malhador, a arte do couro. Já em laçu, lições de como preservar a identidade cultural.

8



VISITE

Muitas dicas de cultura, lazer e conhecimento nos territórios visitados nesta edição.

21



CULTURA É O QUÊ?

Bumba-meu-boi, samba e umbanda se entrelaçam na zona rural de Baixa Grande, formando um inédito mosaico cultural.

32

Perfil 14

Bule-bule, Raimundo Sodré e Wilson Aragão contam suas histórias e apresentam as identidades dos seus territórios.





CAUSOS E COISAS

Façonhas de Lucas da Feira ilustram o mundo do cordel e continuam atraindo a atenção do público até os dias de hoje.

36

CIRCULANDO

As aventuras da equipe desta revista no Portal do Sertão revelam um mundo bem diferente das vivências urbanas da capital.

38

MURAL

A Pedra de Itaberaba, o trabalho ancestral dos cesteiros do sertão, o "primo" do quiabo. Confira a pluralidade da cultura no interior baiano.

40

ARTIGO

O secretário do Planejamento do Estado, Walter Pinheiro, fala sobre o ritmo de crescimento da Bahia para 2010

42

Territórios 16

A diversidade do Portal do Sertão, do Piemonte do Paraguaçu e da Bacia do Jacuípe revela a existência de mundos que se entrelaçam dentro de um mesmo sertão.



Territórios da Cidadania levam desenvolvimento ao interior



Desde 2003, o Governo Federal adotou o programa de Desenvolvimento Sustentável dos Territórios Rurais. Cinco anos mais tarde, foi lançado o programa Territórios da Cidadania, em uma ação conjunta de 19 ministérios, consolidando os avanços obtidos e iniciando um novo momento do “Brasil rural”. Para tornar públicas as atividades dos atores sociais desses territórios, conhecer suas histórias de sucesso e promover o intercâmbio entre os agentes, o Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA) realizará, de 22 a 25 de março de 2010, o II Salão Nacional dos Territórios Rurais. Nesta entrevista, o secretário de Desenvolvimento Territorial do MDA, Humberto Oliveira, fala sobre o foco das políticas públicas para essas regiões, as expectativas para o salão e revela a parceria entre Bahia e Sergipe visando ao desenvolvimento de seus territórios de identidade.

Bahia e Sergipe formalizaram em 2009 um acordo de cooperação para o desenvolvimento territorial. Como o MDA vê esta parceria?

O acordo entre Bahia e Sergipe é uma excelente iniciativa dos dois governos, sobretudo porque são estados pioneiros na adoção das políticas de desenvolvimento territorial. As duas unidades federativas tomaram emprestado o trabalho da Secretaria de Desenvolvimento Territorial (SDT) e definiram seus Planos Plurianuais a partir desses recortes territoriais. É uma iniciativa inédita, recomendada pelo Governo Federal e pelo Ministério do Planejamento. Bahia e Sergipe são referências para outros estados. A SDT irá apoiar os dois governos, cedendo técnicos e ajudando a organizar as ações.

Qual foi a participação da SDT no acordo e de que forma auxiliará os estados a implementar as ações?

Nossos técnicos elaboraram o acordo de cooperação e ajudaram na interlocução entre os governadores, mas vale ressaltar que a iniciativa partiu dos governantes estaduais. Durante todo o processo, a Secretaria de Desenvolvimento Territorial trabalhou em conjunto com o Ministério do Planejamento, que tem interesse em acompanhar de perto esta iniciativa, já que o acordo está bastante afinado com as orientações do Governo.

Quem são os principais beneficiados com as políticas territoriais?

O principal benefício é para o meio rural. Os programas são voltados para essa região há tanto tempo esquecida. Antes, apenas os grandes centros recebiam a atenção dos governos, aumentando o fluxo migratório. O interior estava abandonado, sem políticas públicas de qualidade. Nós estamos invertendo isso. Bahia e Sergipe estão descentralizando e interiorizando suas políticas. É um reconhecimento à importância do interior. Na verdade, Bahia e Sergipe foram além e promovem uma abordagem em todos os territórios, não apenas naqueles homologados pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário. Na Bahia, a SDT apoia 13 territórios, mas o Governo Estadual trabalha com 26. É uma decisão política de Jaques Wagner, que optou por uma maior participação popular em sua gestão.

O que os estados de Bahia e Sergipe ganham com o acordo?

Há a possibilidade de enfrentar problemas comuns a ambos nas áreas de saúde, defesa animal e vegetal e de

proteção dos rios que cortam os dois estados. Há um enorme ganho de qualidade, economia e melhor aproveitamento da capacidade técnica instalada em cada um dos territórios. A própria população, protagonista do processo, tem experiências bem-sucedidas que podem ser compartilhadas. A parceria também facilita o enfrentamento dos problemas fronteiriços, como assistência médica, saúde animal (se um estado vacina e o outro não, o rebanho de ambos pode ser contaminado) e conservação de estradas que ligam o nordeste da Bahia a Sergipe. Tudo vai depender de como os estados vão levar adiante esta cooperação.

Já se passaram seis anos desde a implementação das políticas públicas. Quais foram os avanços políticos, econômicos e sociais alcançados até agora?

No aspecto político, as populações rurais passaram a ter maior capacidade de interlocução. Isto facilita o acesso às autoridades estaduais e federais. Os municípios se tornaram mais organizados, as ONG do interior ganharam mais poder. No aspecto social, destaco o acesso de populações excluídas à educação e saúde. Índios, quilombolas e ribeirinhos agora têm mais acesso às políticas públicas federais. Já na economia, o Governo Lula destina R\$ 23,5 bilhões para os territórios de cidadania, valor que não pode ser aplicado em outros municípios, um investimento inédito no interior do Brasil. E quanto mais dinheiro circula no território, maior

é o impacto na dinâmica econômica, geração de renda e apropriação de riqueza nessas regiões.

Em março acontece o II Salão Nacional dos Territórios Rurais, em Brasília. Quais suas expectativas para o evento?

O salão retratará as metodologias e as estratégias de desenvolvimento territorial que estão sendo aplicadas em todo o Brasil, explicadas pelos protagonistas dos territórios rurais. Não é um evento em que os governantes falam. É o povo, a sociedade que fala para a própria população e para os governantes. É o momento de se conhecer e aprender com territórios que incluíram comunidades quilombolas em suas políticas, em que a relação da sociedade com as prefeituras passou a dar mais resultados devido às melhorias na qualidade do diálogo entre uns e outros e onde foram criadas comissões para tratar de temas que antes não eram discutidos, como o turismo. A Bahia, por exemplo, criou a figura do articulador territorial de cultura, que precisa ser mostrado para o resto do país. O objetivo do salão é este, estimular o intercâmbio. É uma oportunidade também para os gestores, que podem responder aos novos desafios e explicar como o Governo pode apoiar os trabalhos criados. Teremos oficinas, eventos gastronômicos e manifestações culturais. No final vamos apresentar aos colegiados tudo o que foi discutido. ■

“Bahia e Sergipe estão descentralizando e interiorizando suas políticas. É um reconhecimento à importância do interior”



Em Malhador, o negócio é amansar



Manoel Oliveira Carvalho, artesão, mostra como se desenvolve a civilização do couro na economia do estado

Assim como era no princípio, o couro ainda passa por um processo bastante rústico até se transformar em arreios, selas, gibões e carteiras. Em Malhador, distrito de Ipirá, aproveitando os primeiros raios solares, já tem gente trabalhando o couro nos curtumes. Um dos mais tradicionais por ali é o curtume de “Seu Nai”, nome pelo qual é conhecido o senhor José Lima de Souza, 61 anos. Fica situado às margens do Rio de Peixe, que hoje em dia nada tem de piscoso.

Sob o sol do meio-dia, uma sinfonia de marteladas se faz ouvir em cada canto da vila. “Aqui eu produzo 100 selas por mês, mas a produção já foi maior”, relembra Seu Nai. Ao caminhar por Malhador é possível ver homens e mulheres das mais diversas idades lixando, costurando, cortando o couro. Sapatos, chinelos, cintos, e principalmente carteiras vão tomando forma.

A fabricação de carteiras norteia a produção local; pequenas fábricas tomam o lugar de velhas garagens. Uma delas é a Multy Couros e Acessórios, na Rua Hemetério Alves. “Cansei de trabalhar para os outros e abri meu próprio negócio”, explica o microempresário Sílvio Araújo Carvalho, 31 anos. Junto com ele trabalham 15 pessoas, lidando com o couro e a parte sintética.

Hoje, de acordo com dados da prefeitura municipal, Ipirá produz mais de 100 mil carteiras por mês, o que absorve quase 70% da produção de couro do estado da Bahia. Dez anos atrás, uma fábrica, atualmente uma das maiores da região, começou fazendo menos de 200 carteiras por mês. Agora produz mais de 5 mil. O mercado parece promissor para pequenos e grandes. Sílvio Carvalho diz que sua produção é enviada principalmente para Brasília e São Paulo.

Pintando o couro

Nascido em Ipirá, Emanuel Ferreira da Silva Neto, 38 anos, é um desses que tiveram a iluminação necessária para extrair a plasticidade do couro que vem de Malhador, sendo um dos raros artistas no país que trabalham a pintura na pele de boi.

As técnicas foram aperfeiçoadas por ele, que também se especializou em esculturas com sucatas de ferro. Hoje conhecido em toda a região, Emanuel Neto trilhou um caminho que teve início na infância, aos 13 anos, quando começou a rabiscar tudo o que via pela frente. As aulas de lapidação ele cursou no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), vindo daí a inspiração inicial para enveredar pela seara artística. Em 1989, fez a primeira exposição com quadros de couro e esculturas em madeira, chamando a

couro logo ao amanhecer

atenção para quem só via no couro matéria-prima de selas, sapatos e bolsas. Inquieto, o artista trabalha com múltiplas vertentes, como esculturas em ferro e madeira; atualmente está preparando uma exposição com peças produzidas a partir de sucatas de motos e carros. “Há uma grande quantidade de sucata, catracas, rodas dentadas e correntes. Um quilo seria vendido a R\$ 0,20, mas, depois de trabalhada, uma peça pode chegar a R\$ 150”, explica. ■

Enquanto as peles secam no varal (abaixo), o artesão já costura o couro para criar uma nova peça (ao lado)

“É possível ver homens e mulheres das mais diversas idades lixando, costurando, cortando o couro”





Programa

Sei ler e escrever. A frase parece trivial num mundo em que a competitividade dá o tom, mas conquistar esse direito nos locais mais afastados é a ponte para a cidadania. Há anos Dona Adalgisa Correia de Souza, 50 anos, nascida no povoado de Patos, em Rafael Jambeiro, queria ir a São Paulo para visitar a mãe e outros familiares, mas era dominada pelo medo. “Não tinha quem me levasse e eu não ia sabia ler os letreiros dos ônibus. Então, pra não me atrapalhar, eu não ia”, relembra.

Quando Dona Adalgisa soube, por meio de amigas, que os coordenadores do Topa – Todos pela Alfabetização, programa desenvolvido pelo governo baiano, abriram turmas de alfabetização noturnas, foi uma alegria. Como o trecho da zona rural onde ela mora é longe do distrito, ficou mais feliz ainda ao saber que as aulas aconteceriam no antigo depósito da Fazenda Boa Esperança, pertinho de sua casa. Já que progrediu rápido nos estudos, a saudade da mãe poderá ser saciada mais cedo: ela garante que vai a São Paulo até março.

Uma das especificidades do Topa, comenta a coordenadora Elenir Alves, é justamente ir atrás dos alunos. “Sabemos que 47% do analfabetismo no estado da Bahia está no meio rural, então temos que adequar o processo de educação às necessidades de cada comunidade – quilombolas, índios, marisqueiros e detentos –, considerando folgas, épocas de co-



Acima: D. Tereza festeja: “Se eu for sair, já posso deixar um bilhete”. À esquerda: D. Adalgisa perdeu o medo de viajar só depois de ter aprendido a ler

forma 460 mil novos cidadãos



Alfabetização alimenta os sonhos de jovens e adultos nas zonas rurais e urbanas do interior do estado da Bahia

lheita, turnos de trabalho, histórias de vida e realidades regionais distintas”, detalha. O programa encara a alfabetização sob a perspectiva de que este é um direito que não prescreve com a idade do indivíduo. Outro desafio é assegurar que, pelo menos, 70% dos egressos do Topa dêem continuidade aos estudos. Os números alcançados, 460 mil novos alfabetizados em 2009, de acordo com a Secretaria Estadual de Educação, fazem da Bahia o estado campeão em alfabetização no país.

O Topa prevê o cumprimento de oito meses de atividades em sala de aula. Na Fazenda Boa Esperança, o caminho para chegar à escola é emoldurado pela paisagem noturna do sertão, com céu estreladíssimo, brisa noturna e o voo dos corujões. Nem parece que de dia o sol vem com força total. Cada episódio de vida revela um mosaico de sonhos realizados, não apenas na chamada terceira idade, mas também na faixa etária jovem, que está aproveitando o programa para subir no “bonde da cidadania”. Um dos colegas de dona Adalgisa, Edilson Santana, 26 anos, nasceu na Fazenda Zabelê, na zona rural de Rafael Jambeiro.

Santana, que é pai de dois filhos, soube pelos vizinhos que os educadores do Topa estavam cadastrando novos alunos, aceitou o convite e se inscreveu. Hoje, após ter aprendido a ler, ele já pensa no futuro. “Quero me dedicar aos estudos e ser médico, sempre pedindo ajuda a Deus”,

anuncia. “Quando era criança não tive oportunidade, tive que ficar na roça, mas hoje sinto uma emoção e se eu pudesse vinha todo dia.”

laçu – Quando o Topa chegou a laçu, instalou-se no prédio da Escola Professor Rômulo Galvão de Carvalho, em uma parceria com a prefeitura municipal. Dona Tereza Almeida dos Santos, 43 anos, que foi procurada em casa, conta que apesar de ter cursado até a antiga 5ª série, não sabia ler. Varreu o medo e encarou o desafio. Afinal, se já tinha conseguido educar os filhos, por que não seria agora a sua vez? Pensou. Hoje, em sua modesta residência, dona Tereza se emociona ao constatar que já sabe escrever um singelo bilhete para a filha Valdice. Enquanto isso, a nova turma passa perto de sua casa, a caminho da escola. A professora é Adália. Dona Amélia, aos 65 anos, vem com o garoto Guilherme, de 19 anos. Roque aparece; Analice, Ian, Francisco, Sônia e Raimunda já estão na entrada, e a aula começa em tom animado.

Em sua segunda edição, o Topa esteve presente em 415 municípios, contou com a parceria de 441 entidades (entre sindicatos, organizações não governamentais, associações de bairro e outras organizações) e com a adesão de 358 prefeituras. Contudo, a meta é atender aos 417 municípios da Bahia. Com a conclusão da segunda etapa, já são 460 mil pessoas alfabetizadas, cerca de 50% da meta do programa. ■

Memorialistas culturais



Uma história em imagens: grupo relembra fatos marcantes através do acervo de 2.872 fotos que compõem projeto laço Cultural

laço tinha um cinema chamado Aliança? Um Flamengo Sport Clube? Haviaromeiros em João Amaro? Micareta em Lagedo Alto? A ponte caiu? Seu Joel Barbosa e dona Almerinda enfeitavam o carro para o Desfile da Primavera? Perguntas e mais perguntas, risos e surpresas. A cada foto antiga que o Projeto laço Cultural postava na internet, a população iaçuense se alvorçava, querendo se ver ou ver como eram seus pais, parentes e aspectos históricos do município.

Tudo começou em meados de 2008, quando a professora de artes Déborah Dias, 28 anos, decidiu incrementar o aprendizado dos seus alunos adolescentes. A reboque, uma atitude radical: sair da sala de aula e ganhar o mundo, ver a história da cidade e do povo ao vivo. O quadro foi substituído pelo passeio à estação ferroviária, o sinal do recreio deu lugar aos ritmados refrões dos grupos de samba-de-roda e o pátio escolar expandiu-se para o

adro das igrejas, chegando ao histórico distrito de João Amaro, antiga sede do município, datado do século XVII.

Assim, sem querer, a jovem professora iniciava uma pequena revolução na cidade, que atingiu o ápice quando ela começou a pedir fotos antigas aos pais e avós dos alunos. Relíquias empoeiradas começaram a sair dos álbuns. Como um verdadeiro formigueiro, a população assanhou-se em resgatar a memória do local. “Até nos fins de semana as pessoas iam a minha casa entregar fotos para que eu as escaneasse e disponibilizasse o material”, conta, sorrindo. Desse despretenso levantamento surgiu um fenomenal acervo que hoje conta com 2.872 fotografias em meio digital. “Não queríamos mais a história enlatada, queríamos investigar nossas próprias raízes”, pontua Déborah.

O primeiro prefeito de laço, Joel Barbosa, ao ver a foto do carro enfeitado

no Desfile da Primavera, quando tirou o primeiro lugar, sentiu o coração palpitando de lembranças e escreveu: “Esses desfiles eram mais disputados do que copa do mundo!!!”, lembra. Assim, a rede foi-se multiplicando e, através das novas tecnologias, desenvolveu-se a organização de documentos fotográficos doados pela população, ultrapassando as dimensões territoriais. Pessoas que moram em São Paulo, Salvador, Rio



Aurelino Costa, o mais conhecido “retratista” da cidade

recuperam seu retrato identitário

de Janeiro deixam suas impressões, observam os familiares num outro tempo.

O senhor Harrisson da Rocha, ao ver as fotos dos ferroviários nos tempos do Golpe Militar de 64, deu seu depoimento. Iaçu teve seus reflexos infelizes com a 'Santa Inquisição contra os Vermelhos'. Pessoas eram indicadas como comunistas e houve gente que botou o revólver na cintura para prender e torturar os supostos comunistas."

Mas se hoje as milhares de fotos formam um quebra-cabeça identitário, muitas dessas peças se devem aos olhos de Aurelino Costa, o mais conhecido "retratista" da cidade, recentemente falecido. Déborah Dias, a criadora do Iaçu Cultural, esteve com ele meses antes de seu falecimento. "Infelizmente, a maior parte do acervo fotográfico do retratista foi para o lixo, após sua morte. Uma grande dor para mim, que tive contato com cada uma das fotos. Pouco consegui recuperar depois que recebi autorização para vasculhar o estúdio fotográfico, que já está praticamente destruído." A história é assim, um quebra-cabeça temerário, algumas peças simplesmente vão, para nunca mais... ■

Endereços Digitais:

Procure no Orkut – Iaçu Cultural
Blog: <http://iacucultural.wordpress.com/>



Acima, Marilene Costa, ganhadora do Desfile da Primavera.

Abaixo, imagens dos grandes desfiles na cidade daquela época



Wilson Aragão, cantador e poeta

Nome: Wilson Oliveira Aragão

Sina: de cigarra,
“cantar até morrer”

Dentre todas as artes, o cantador escolheu a música para expressar a sua paixão pela paisagem rural

A estrada de um cantador tem origem no barro que primeiro o concebeu. Neste caso, a cidade de Piritiba, que no longínquo 1950 ainda pertencia a Mundo Novo, foi a origem de tudo para aquele menino magrinho, que desde pequeno já acompanhava o pai nos plantios de mangalô, aipim e feijão. Filho de Alda Oliveira Aragão e Deolino Ferreira de Aragão, ele era um apaixonado pela paisagem.

A lua, quando nascia cheia, parecendo uma imensa bolacha, iluminava a mente do menino. Os dizeres dos matutos, em seu rude filosofar, também. Dona Alda lia Castro Alves, Cecília Meirelles e Catullo da Paixão Cearense. Nos dias dos sambas rurais, o garoto ia com o pai para os povoados ver as chulas, repentes e batuques. Em casa, um rádio de quatro faixas colocava Wilson em sintonia com a música brasileira: Nelson Gonçalves, Jackson do Pandeiro, Anísio Silva, Zé Gonzaga e Luiz Gonzaga. Ainda na infância, Wilson muda-se com a família para Mirasserra, distrito de Morro do Chapéu.

Começou a frequentar, na adolescência, a Igreja Presbiteriana. “Tínhamos bons maestros e foi cantando em coral que me iniciei na música”, relembra Wilson, que logo descobriu o violão. Em 1965, a Jovem Guarda de Roberto Carlos espalha eletricidade, romances e carros com as suas músicas. O incauto matuto, no calor dos 15 anos, ganhou novos ídolos, vestiu calça apertada, deixou a cabeleira rebelde e, de repente, seu Deolino viu o filho, em pleno sol da caatinga, andar naqueles trajes, como se Liverpool fosse Morro Chapéu e a Rua Augusta, o Chapadão. “Foi nessa época da Jovem Guarda que a gente montou um grupo de bailes chamado Os Horríveis”, relembra com saudade Wilson Aragão.

De volta ao regional, Wilson se junta a Trovão, Babá e Tom Andrade para formarem o grupo Chapada Diamantina, de curta duração. Quando os pais se separam, no início dos anos 70, ele vai trabalhar e estudar em São Paulo, onde faz faculdade e se aperfeiçoa em Recursos Humanos. Um belo dia o cantador vê em um jornal paulista um anúncio convocando trabalhadores em diversas áreas para o Polo Petroquímico de Camaçari. Voltou para a Bahia e ficou no polo por 15 anos. “Empresas me disputavam”, pontua, sem falsa modéstia.



Casado com Miriam há mais de 20 anos, Wilson conta que, junto com a companheira, botou a viola nas costas e saiu pelo Brasil, deixando as chaminés para trás. Contador de causos e memorialista das coisas do sertão, logo se enturmou e participou de eventos da cultura sertaneja, na capital e no interior.

O ano de 79 foi marcante em sua vida. Segundo relata, uma “tramamoia” articulada entre um banco, um grileiro e outras instituições. Assim tirou o pedaço de terra de seu pai. O filho tomou as dores e o lamento saiu com o nome de Capim Guiné, como se a raposa, a sussuarana, o pardal e os outros bichos fossem os atores da farsa.

De Piritiba para o Brasil

“Meus amigos me diziam: Aragão, sua música é boa; por que você não mostra pra Elba Ramalho, pra ‘fulano’ pra ‘sicrano’? Depois de pronta, botei tudo numa fita.”

Como Raul Seixas surgiu na história? Wilson relembra: “Apareceu um rapaz de Piritiba, chamado Beto Sodré; ele pegou minha fita e disse: ‘Me dá que quem vai gravar vai ser Raul Seixas’, e levou a fita pra Raul. Na época eu não tinha telefone em casa, então, fomos pra o posto da Telebahia, na Barra, telefonar”.

O Maluco Beleza, do outro lado, o cumprimentou e foi direto ao assunto: “Bicho, adorei tua música, linda! Mas tem uma coisa, você diz assim: *Comprei um sítio/ plantei jabuticaba/ dois pés de guabiraba*/ Eu queria mudar”. “Mudar, como, Raul?”, perguntou Wilson. E Raul sugeriu o novo verso pelo telefone: “Eu queria fazer assim: *Plantei um sítio no sertão de Piritiba...* E a conversa seguiu com os dois pequenos ajustes feitos por Raul. Em 83, Capim Guiné tocou no Brasil e Raul assumiu a coautoria. Piritiba bombou e hoje Capim Guiné é o nome do seu arraial junino.

Wilson Aragão continua vivendo em Salvador, no mesmo lugar: Rua Padre Luiz Filgueiras, Engenho Velho de Brotas. Com seu proseado de caboclo violeiro e sua simpatia sertaneja, o cantador quer ver a descentralização da cultura chegar. “Na capital, o apoio ficou concentrado no Axé e abafou as outras produções”, reclama. Otimista, ele diz: “Vivo meu melhor momento de composições. Tenho música para encher uns quatro CD com qualidade, espero apenas apoio”, finaliza. ■



Parceria com Raul Seixas (estatueta do cantor), em 83, gerou “Capim Guiné”, sucesso em todo o país

O tempo não alterou a simpatia sertaneja. Wilson permanece fiel às origens



Cidadania e oportunidades chegam ao semiárido

Nesta terceira edição da Revista Bahia de Todos os Cantos, gratas surpresas acompanharam a equipe durante as viagens que percorreram o Portal do Sertão, a Bacia do Jacuípe e Piemonte do Paraguaçu. A Bahia está renascendo, ou, como diria Dona Joana Alves, de Irará: “A Bahia se reinventa”.

São centros digitais que levam cidadania e oportunidades. A chegada da água faz jorrar sonhos e abre novas perspectivas para quem mora no semiárido. Incentivos e novidades para os pequenos agricultores.

Uma gente forte que não para de aprender e, principalmente, de ensinar a arte da alegria e da superação dos desafios que são a vida.



De cima para baixo:
a beleza natural do
Portal do Sertão,
a alegria do Piemonte
do Paraguaçu e
a vivacidade das águas
da Bacia do Jacuípe







Vai-e-vem movimenta metrópole sertaneja

Vai se perdendo na memória o tempo em que a maior feira do Norte-Nordeste começava no Mercado Municipal, espalhando-se pelas calçadas, invadindo ruas e chegando até a famosa Feira do Gado, na Princesa do Sertão. Mudou o mundo, e a feira, em Feira de Santana, acompanha a hegemonia das tecnologias digitais, onde um celular com TV e dois **chips** já está saindo por R\$ 120 no “Feiragui”. Para muitos, preço assim é um milagre, e o Éden é bem ali.

São 434 boxes de 0,80m X 1,20m, onde trabalham 2.400 pessoas. Fora as 60 lojas que se abriram no entorno, bares com bilhar, a “ilha dos automóveis”, barraquinhas de lanches e uma infinidade de ambulantes. O nome vem da óbvia associação com o país vizinho, que, a partir de um pacto comercial firmado com o Brasil, abriu sua fronteira para compras em 1986.

Em meio à balbúrdia ouve-se o vendedor de beiju de tapioca Antônio de Jesus Marinho, 44 anos, natural de Feira de Santana, repetindo: “Olha o delicioso beiju!” O povo espreme-se com pacotes nas mãos e desvia impaciente. “Chego aqui às 6h da manhã, há 5 anos. Adoro isso aqui”, resume Marinho.

“Hoje em dia, no ‘Feiragui’, 80% dos comerciantes emitem notas fiscais, porque se compra direto das importadoras, que ficam em São Paulo, Rio de Janeiro ou Recife”, garante o presidente da Associação de Comerciantes do Feiragui, Renato Assis, 44 anos. “Tem de tudo aqui, só não é permitido venda de drogas, armas e remédios que viciem”, propaganda.

Advogado, jornalista e cordelista, Franklin Maxado já escreveu sobre todos os mitos feirenses na sua vasta produção em cordel. Para ele, “a identidade de Feira de Santana é justamente o comércio, aqui tudo tem preço. O nome da cidade já está dizendo, Feira, surgida de um ponto de troca, de um entroncamento de caminhos”, detalha.

Papel central – Há 7 estradas, incluindo as BR-324, BR-116, BR-242 e BR-101, que passam por Feira de Santana. Toda esta acessibilidade lhe confere papel de pivô no desenvolvimento do estado da Bahia. “Atualmente Feira de Santana é um nó logístico entre o interior e a capital, promovendo a articulação entre as regiões Nordeste e Sudeste. Metade das mercadorias que circulam na Bahia passa por Feira”, explica o diretor de estudos da Superintendência de Estudos Sociais e Econômicos da Bahia (SEI), Edgar Porto.



De acordo com dados do Censo Demográfico de 2000 (IBGE), a população de Feira de Santana somava 775.268, distribuídos entre a sede e os distritos de Bonfim de Feira, Governador João Durval, Humildes, Jaguará, Jaíba, Maria Quitéria e Tiquaraçu. “A cidade desenvolveu características de proximidade com os grandes eixos rodoviários, criando constantes oportunidades de atração de investimentos e serviços. É mais que simplesmente ‘princesa’ ou ‘portal do sertão’. Feira de Santana é o portal da metrópole. Juntas, Salvador e Feira têm a maior concentração de pessoas, infraestrutura, população e produção de todo o Nordeste”, explica Edgar Porto.

Historicamente, a expansão da pecuária, influenciou a ocupação da região, e a implantação de um sistema viário composto pelas rodovias BR-101, BR-342 e BR-116 constituíram os dois grandes vetores de desenvolvimento territorial, atraindo mercadorias, serviços e fluxos populacionais desde a década de 20. A dinâmica gerada mudou o perfil socioeconômico do território, com destaque para Feira de Santana, que assumiu a função de Porto Seco, como centro redistribuidor de mercadorias e serviços para o interior do estado.

Economia – No território do Portal do Sertão, encontra-se instalado o Centro Industrial de Subaé – CIS, que divide com a RMS parte dos segmentos industrial e de serviços, abrigando empresas de porte como Pirelli, Avipal, Nestlé e Kaiser. O CIS é responsável por 75% do PIB regional, de acordo com a Secretaria do Planejamento (Seplan), o que representa cerca de 4% do PIB da Bahia. ■



Portal do Sertão

17 municípios

Água Fria, Amélia Rodrigues, Anguera, Antônio Cardoso, Conceição da Feira, Conceição do Jacuípe, Coração de Maria, Feira de Santana, Ipecaetá, Irará, Santa Bárbara, Santanópolis, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Tanquinho, Teodoro Sampaio, Terra Nova

População: 895.407

PIB 2007 (Milhões): R\$ 5.979.44

Porta de entrada para o sertão, em Feira de Santana comercializam-se vários tipos de mercadoria e serviços





Inclusão digital integra a Bahia

Robério Almeida Santana, 36 anos, vê suas ações de educador multiplicando-se como gestor do Centro Digital de Cidadania (CDC), que funciona no bairro Lagoa da Madalena, zona carente no município de Irará. Os CDC são uma iniciativa do programa Cidadania Digital, da Secretaria Estadual de Ciência, Tecnologia e Informação (Secti), que contempla bairros periféricos, assentamentos rurais, comunidades quilombolas, afrodescendentes e indígenas.

Logo se espalhou pela comunidade que o CDC estava se instalando ali, anunciando uma “janela” para quem queria conseguir qualificação no mercado ou se aprimorar nos estudos. “Queremos promover uma maior integração da população com o mundo da informática; nem todos têm dinheiro para comprar computadores ou ir a uma *lan house*. Um currículo com informática tem preferência no mercado de trabalho”, afirma Robério Santana.

A Bahia tem o maior programa estadual de inclusão digital do país e os números continuam crescendo. Já são mais de 700 centros digitais de cidadania em todo o estado e serão mais de mil até o início deste ano. O ano de 2009 marcou a cobertura de 100% dos municípios baianos. Irará tem dois, com uma média

de 60 acessos diários em cada um. Na Lagoa da Madalena, onde Robério trabalha, o link de internet é mantido por conta de uma parceria com a prefeitura municipal.

Outro que não perdeu tempo foi o ex-ajudante de pedreiro Gérson Bispo do Nascimento, 25 anos. “Já fui office-boy, trabalhei em construção e fui acompanhante de filarmônica. No início tive dificuldades com a digitação, mas agora já sei trabalhar com o Linux e auxilio as pessoas que procuram informações sobre concursos, pesquisas escolares e outros assuntos”, explica ele, que participou de capacitações no município de Lauro de Freitas antes de se tornar agente multiplicador do conhecimento.

O principal público beneficiado pelo Programa de Inclusão Sociodigital é de baixa renda e os dados do Sistema de Cadastro do Cidadão apontam que quase 90% dos usuários têm renda familiar de até dois salários mínimos. O sistema de cadastro também revela que os jovens são o público prioritário do Cidadania Digital: 67% dos usuários têm até 21 anos de idade e 93% frequentam escola pública.

Um deles é o adolescente Vitor Mota, 15 anos, que gosta de utilizar o CDC para pesquisa escolar. “Não tenho con-

dições de pagar curso e não possuo computador. Com o CDC aqui perto, melhorou muito. Antes, pra pesquisar, só pagando. Como aqui tem quem ensine, é melhor. As aulas de ciências, que cobram muito, eu só pesquiso por aqui”, explica, enquanto olha para o amigo Elionel Evangelista dos Santos, estudante da 7ª série, que faz uma pesquisa sobre idiomas.

Melhor Programa

O Cidadania Digital foi contemplado em 2008 com o Prêmio A Rede, na categoria melhor programa estadual de inclusão digital do Brasil. Foi o segundo prêmio de relevância nacional conquistado pelo Cidadania Digital, em dois anos. Para a coordenadora executiva do Programa de Inclusão Sociodigital, Rúbia Carvalho, “os CDC são uma das principais ferramentas de educação. Milhares de pessoas estão saindo do analfabetismo digital, o que representa uma solução para que possam obter melhores empregos e geração de renda”, assinala. Só na região do Portal do Sertão já estão em funcionamento 78 CDC.

Centro coordenado por Robério Almeida (abaixo) leva inclusão digital para a zona rural de Irará



Cultura sertaneja

Museu Casa do Sertão

A lendária pistola prateada utilizada pela cangaceira Dadá para enfrentar os “macacos”, a capa da faca de Corisco, o Diabo Louro, a mobília das casas de fazenda do século passado, o maior acervo de cordéis e a bibliografia sobre o temido bandido Lucas da Feira. Visitar o Museu Casa do Sertão e o Centro de Estudos Feirenses é, antes de tudo, entender como se formou a cultura do semiárido brasileiro e, em particular, como se deu este processo na região do Portal do Sertão, no semiárido local. **De segunda a sexta, das 8h às 11h e das 14h às 17h**, no *campus* universitário, situado no Km 03 da BR-116 Norte, em Feira de Santana.



Mercado Municipal de Ipirá

O Mercado Municipal de Ipirá, construído em um casarão do século passado, tem importância vital para o processo identitário ipiraense. É lá que gerações se sucedem na comercialização de um produto que se destaca na economia local: a farinha. Não é por acaso que a festa maior da cidade é a Festa da Mandioca, ocasião em que grandes atrações da música se apresentam. O Mercado é palco também de intensa vivência comunitária. Nas suas cercanias, boêmios, literatos e músicos interagem enquanto compram o “feijão nosso de cada dia”. Todas as novidades da vida cultural passam por ali.

Museu Parque do Saber Dival da Silva Pitombo

Parece cinema de terceira dimensão, mas não é. Imagine assistir a filmes e documentários que, exibidos em um teto em forma de cúpula, simulam os antigos cinemas 180 graus. Há vídeos sobre a Via Láctea, mostrando as constelações em detalhes surpreendentes, viagens ao fundo do mar e documentários sobre Galileu, Copérnico, dentre outros que nortearam os princípios da astronomia moderna.

O equipamento é o primeiro da América do Sul e o sexto do mundo, sendo composto por um moderno jogo de lentes especialmente projetadas para entretenimento desta natureza.

O Parque do Saber funciona com **sessões públicas exibidas de quarta a sexta-feira, às 20 horas, e aos sábados, às 16h30, em Feira de Santana.** Rua Tupinambás, 275, bairro São João.





Vida nova com água no sertão

São 4h40 da manhã quando uma bicicleta desponta na estrada de areia e barro, na Rua da Farinha, em Cajueiros, distrito de Rafael Jambeiro. Os madrugadores daquela parte da zona rural, com baldes e cisternas a postos, sabem que o vulto é do senhor Estevão Leite Lima, 55 anos, o homem que abre as torneiras do programa “Água para Todos” naquela região castigada pelo sol inclemente do sertão baiano. “É uma honra ser a pessoa que abre as torneiras do Água para Todos, agora tenho vontade de plantar, de ficar aqui”, festeja ele, que também é compositor e teve até um forrozinho gravado por Baianinho dos Teclados, sucesso em Cajueiros.

A 200 metros dali, o vigilante Antonio da Conceição, 40 anos, também já está de pé. Com o auxílio de uma mangueira, molha os feijoeiros que plantou no quintal, sorriso no rosto. “Agora melhorou muito, não tenho mais que ir pegar água na cisterna de dona Germina e nem minha mulher precisa carregar lata na cabeça, de lá pra cá, o dia todo”, relata, enquanto é observado pelos filhos Antônio César, Felipe, Rozana e Hozana. Estevão confirma

a difícil situação enfrentada no passado. “Antes, aqui, eu via situações traumáticas, homens, mulheres e crianças procurando água de cisterna em cisterna”, testemunha.

Torneira Aberta - A água é liberada diariamente. Embora isso possa não parecer muito para quem tem água encanada, só quem convive com a escassez sabe o valor de uma torneira jorrando. “Foi atento a situações como esta que o Governo atual, ao se deparar com o dado de que apenas 30% da população baiana tinha água de qualidade, tomou como meta o avanço da cobertura de água na área do semiárido”, assinala o diretor e presidente da Companhia de Engenharia Rural da Bahia (Cerb), Cícero de Carvalho.

A Cerb, vinculada à Secretaria de Meio Ambiente, é a coordenadora executiva do comitê gestor do Água para Todos. No município de Rafael Jambeiro, incrustado na região do semiárido, oito poços para captação de água estão em pleno funcionamento, a uma profundidade de 80 a 100 metros, a partir da utilização de perfuratrizes e compressores de alta pressão. Segundo a Cerb, 1.800 poços já foram perfurados na Bahia desde 2006 (a meta era de que até o final de 2009 o número ficasse em 1.650). “Isto representa 25% a mais do que a meta inicial, mas chegaremos a 2.300 até o final de 2010”, assinala Cícero de Carvalho.

Aos poucos, a paisagem vai mudando. Quem saía dali por falta de água, não sai mais. Por trás das cercas, pequenos plantios de feijão, berinjela, pimenta e maxixe; galinhas ciscando, meninos pelo meio, empurrando seus carros



rústicos de madeira. É a vida no campo. O silêncio é cortado quando moradores passam de moto ou a cavalo. Dona Júlia Camila Sena, 49, viúva e mãe de sete filhos, está feliz com a água abastecendo sua modesta residência. “Era uma dificuldade quando a cisterna secava, tinha que sair procurando por água. Agora isso melhorou. Colho pimenta, estou plantando milho e mandioca, mas ainda tenho que batalhar para sobreviver. Lavo roupa e acordo às cinco horas da manhã.”

O Água para Todos comemora seu terceiro ano em 2010 como o maior programa de abastecimento de água e saneamento em curso no Brasil. Na Bahia o programa reúne todas as ações de saneamento básico e já atingiu 400 dos 417 municípios baianos promovendo saúde, qualidade de vida e geração de emprego e renda. De acordo com os dados fornecidos pelo Governo Estadual, mais de 2,3 milhões de baianos já foram beneficiados. Em 2010, o objetivo é alcançar 3,5 milhões de pessoas, com um investimento que alcançará R\$ 2,1 bilhões.

Saneamento - A utilização de água para abastecimento gera também esgoto, e cada metro cúbico produz a mesma quantidade de esgoto sanitário, daí a necessidade de saneamento. O Governo da Bahia investiu R\$ 7,5 milhões em melhorias nos sistemas de esgotamento sanitário nos municípios dos território do Piemonte do Paraguaçu. O tratamento alcança índices próximos a 80%, permitindo o descarte sem riscos de impacto ao meio ambiente. A prioridade são comunidades excluídas, que ao longo dos anos não foram assistidas pelo poder público, como assentamentos, quilombos e associações comunitárias. ■



Piemonte do Paraguaçu

14 municípios

Boa Vista do Tupim, Iaçú, Ibiquera, Itaberaba, Itatim, Lajedinho, Macajuba, Miguel Calmon, Mundo Novo, Piritiba, Rafael Jambeiro, Ruy Barbosa, Santa Terezinha e Tapiramutá.

População total: 305.484

PIB 2007 (milhões): R\$ 995.99

A água leva esperança de mudança para o Piemonte. Agora, o sertanejo pode plantar sua roça sem deixar a terra onde nasceu





A terra do abacaxi é aqui

Para alguns foi uma revolução, para outros continua sendo um milagre. A lavoura do abacaxi, em Itaberaba, vive dias de graça, pois mesmo com as chuvas diminuindo, as safras continuam aumentando. O mais curioso é que não há explicação para isso. O município, em dez anos, tornou-se o maior produtor de abacaxi do estado da Bahia.

Muitos vaqueiros penduraram o gibão, guardaram a sela e voltaram para o cabo da enxada com as esperanças renovadas no fruto coroadado. “Lá em casa”, relembra o pioneiro plantador de abacaxi Antônio Santana Santos, 58 anos, “nós éramos cinco irmãos, a pecuária foi ficando muito cara. Sem chuva, a criação foi morrendo e nós fomos desistindo de criar gado. Agora vamos fazer o quê? Vamos esquecer a pecuária”. Hoje, após ter sacrificado parte da sua juventude como imigrante em São Paulo e outras cidades, João Francisco não só fincou os pés de volta em seu solo, como todos os filhos dele estão no mesmo ramo, ajudando a cuidar dos 15 hectares de terra.

Com o êxito desse experimento pioneiro, mais de dois mil produtores aderiram, totalizando, em 2009, 5 mil hectares plantados de abacaxi. De acordo com a Cooperativa dos Produtores de Abacaxi de Itaberaba (Copaíta), o produto movimenta cerca de R\$ 70 milhões por

ano. “O nosso foco de comercialização são as cidades do Sudeste. Até mesmo os produtores que não são cooperados utilizam os nossos preços para se orientar no mercado”, explica o presidente da Copaíta, Valdomiro Vicente Victor.

Muitos dos pequenos e médios agricultores substituíram as plantações de mandioca e mamona para investir na novidade. Itaberaba, com seu regime anual de chuvas - aproximadamente 500 mm - provavelmente não seria considerada solo propício ao cultivo de abacaxi, uma cultura que precisaria do dobro para frutificar. Mas o que seria do sertanejo se não fosse o desafio?

Além de ser ponto de passagem para a Chapada Diamantina, Itaberaba possui influência inter-regional, tendo o seu comércio também formado pela circulação de mercadorias produzidas em municípios próximos, a exemplo de Feira de Santana. O sistema de transporte é atendido pelas rodovias BR-407, BR-242 e BA-052, além de ser cortado pela ferrovia RFFSA, que liga laçu a Juazeiro.

Apesar de toda essa infraestrutura logística, o município tem problema para escoar a produção. O mercado regional fica muito competitivo quando os outros concorrentes (Pará, Tocantins e Paraíba) conseguem uma safra elevada. Atualmente os agricultores – cooperados

ou não – participam dos seminários e capacitações promovidos pela Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola (EBDA) e pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), assim como de capacitações no Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae).

Recentemente, uma praga – a “furariose” – deixou todos de “cabelo em pé”, mas descobriu-se uma solução para o caso. “Nosso desafio é manter a sustentabilidade e o manejo desta cultura, discutindo e acompanhando todas as fases, pois 60% do abacaxi baiano sai de Itaberaba e o nosso estado detém o quarto lugar na produção do Brasil”, destaca o produtor Erivaldo Maia de Oliveira, 60 anos.

Segundo Erivaldo, uma excelente notícia para os produtores da região seria a inauguração de uma agroindústria em parceria com Governo do Estado, no primeiro semestre de 2010, para o processamento de 4.500 abacaxis/dia, visando à produção de doces e geleias. De qualquer forma, o que não falta é gente aproveitando a estação. Um exemplo é dona Maria José de Oliveira, 30 anos, que já está com fama de grande doceira na cidade. Ela fabrica o doce de abacaxi em três variações: com coco, manga ou banana.

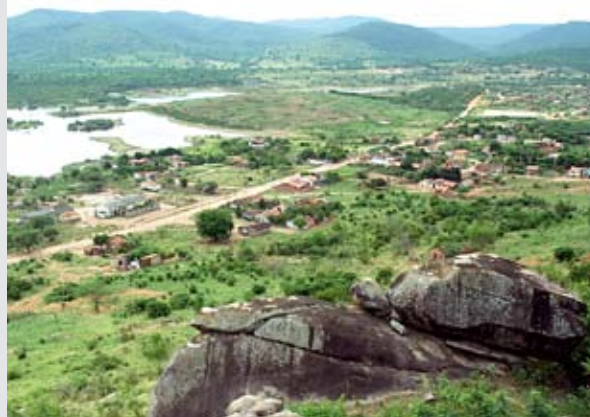
Itaberaba produz 60% do abacaxi do estado, gerando emprego e renda



Roteiros para todos os gostos

A Pedra do Vaqueiro tem história

Conta a lenda que, no século passado, um vaqueiro e seu cavalo perseguiram uma rês desgarrada até o topo do Monte do Bom Jesus quando os três despencaram de uma pedra alta e, como por encanto, sumiram. Ninguém achou vestígio dos três e o local ficou conhecido até hoje como Pedra do Vaqueiro. Ao lado, uma bela igreja, dedicada ao Bom Jesus, com 108 anos. O acesso é fácil e de qualquer ponto do Centro da cidade pode-se ver como chegar ao local.



Mundo Novo – Cidade Presépio

A aprazível cidade de Mundo Novo também é conhecida como Cidade Presépio. Em um primeiro momento não se sabe o porquê, mas basta subir a Serra da Santa Cruz, o mais belo mirante da região do Piemonte do Paraguaçu, para descobrir. A cidade se amiaúda com suas luzes noturnas lá embaixo, enquanto um mar de serras se descortina em direção ao horizonte.

João Amaro - Areal

Ao chegar a João Amaro, a 22 Km de laço, por uma estrada de chão, uma grata surpresa: além das ruínas da antiga estação ferroviária, datada de 1885, uma prainha arenosa à beira do Rio Paraguaçu, em um trecho bem limpo e largo - é o Areal. Mesmo andando muitos metros rio adentro, a água bate na cintura. Imperdível!



Acervo da Uneb Campus XIII

Biblioteca da Universidade Estadual da Bahia (Uneb) em Itaberaba

Descobrir as origens do território do Piemonte do Paraguaçu e entender os fenômenos geológicos e históricos são assuntos que, a cada dia, atraem mais curiosos e especialistas. Para quem quiser buscar estes e outros conhecimentos, a Biblioteca do Campus XIII da Uneb, no Centro, na Travessa Joel Presídio, s/n, oferece boas opções.



Tamanho família

Há quase meio século, na Fazenda Cobó, zona rural de Ipirá, o casal Agenor e Etelvina passava um sério apuro com o último dos três filhos. O menino Catarino estava rejeitando o leite de vaca. A pequena propriedade ficava a 23 Km da sede. Carro era uma raridade. Médico, mais ainda. O menino já estava chorando fraquinho, quando alguém teve uma ideia salvadora: “Por que não dar leite de cabra pra ele?”

“O leite de cabra salvou minha vida, foi uma fase difícil, mas venci”, relembra o senhor Catarino Bastos da França, 47 anos, pai de quatro filhos. O agricultor preside atualmente a Associação Comunidade Kolping, entidade que agrega 80 famílias de pequenos produtores rurais. Cada uma delas foi contemplada, no final de 2009, com cinco cabras, ou ovelhas melhoradas geneticamente, através do programa Agricultura Tamanho Família, desenvolvido pelo Governo do Estado. O impacto desta ação é garantido pelo regime de doação rotativa, ou seja, em 18 meses cada família beneficiada deverá doar a mesma quantidade de animais para uma segunda família. As raças distribuídas possuem dupla aptidão (carne e leite) e se adaptam muito bem ao semiárido, com alta taxa de fertilidade e baixo custo de criação.

Quem vive no sertão sabe bem o valor das cabras, dos

bodes e das ovelhas na sofrida dieta do sertanejo. “No meu caso, as cinco crias deverão ir para meu vizinho, Joselito, da Fazenda Marruá, que fica a uns 5 km da minha”, explica Catarino França. Atualmente a Bahia lidera o ranking nacional de caprinos, com um rebanho estimado em 4,5 milhões de cabeças, e está em segundo lugar na criação de ovinos, com 2,5 milhões, superada apenas pelo Rio Grande do Sul.

Superintendente de Agricultura Familiar da Secretaria de Agricultura, Irrigação e Reforma Agrária (Seagri), Ailton Florence detalha: “Ao todo, oito municípios da Bacia do Jacuípe foram atendidos, perfazendo um total de 2.480 animais nos pastos de 480 famílias”. Outra ação estruturante é o Frigorífico de Pintadas e a integração das cooperativas ao Programa de Aquisição de Leite do Conselho Nacional de Abastecimento (Conab), garantindo preço e mercado para os produtores.

No assentamento Dom Matthias, zona rural de Ipirá, onde vivem 100 famílias em sistema comunitário, o jovem José Raimundo Santana de Souza, 24 anos, explica: “Já estamos produzindo o doce de leite de cabra e também o mel, que vendemos para a merenda escolar. Assim, estamos conseguindo manter as pessoas na terra.”

Ba-ra-te-o-tó

Com tantos produtos e figuras exóticas no território da Bacia do Jacuípe, só mesmo uma feira popular para contemplar tanta diversidade. Na cidade de Baixa Grande, os nativos apelidaram de Shopping Chão o colorido encontro de comerciantes e fregueses. Os ônibus vindos de outras



comunidades lotam e estacionam nas ruas por perto. A feira se distribui em ladeiras paralelas e transversais. Tem feirante ali que vive de cidade em cidade, conforme o dia da semana.

Um deles é Albérico da Luz, 76 anos, que vende um inusitado instrumento: um machucador de feijão, na verdade um bastão de 30 cm com pequenas hélices. “Isso aqui na roça serve também como liquidificador, onde não tem luz elétrica; é só colocar o feijão ou a fruta no vaso e rodar”, ensina. A feira é também uma oportunidade para Lievino Ventura da Silva, 62 anos, vender o que colhe: milho, abóbora, amendoim e feijão. Contemplado pelo Programa de Agricultura Familiar, ele ganhou 10 kg de milho e 10 kg de feijão-de-corda para plantar em sua pequena propriedade de 12 tarefas. “A gente precisa plantar, mas também colher, e eu nunca vi tanto avanço como agora.”

Economia – O couro, aliás, é quem manda na economia local. Só em Ipirá existem cerca de 200 pequenas indústrias que produzem carteiras, cintos, bolsas e sapatos para todo o Brasil. A Azaléia Calçados também tem sede no município. Inaugurada em setembro de 2009, a Disport Bahia Ltda./Calçados Paquetá, por sua vez, fabrica tênis e chuteiras para marcas como Adidas e Diadora.

Em todo o estado, no ano de 2009, o projeto Sertão Produtivo, que compõe o programa Terra de Valor, entregou 38,2 mil animais, entre caprinos e ovinos (fêmeas mestiças e machos Puros de Origem das raças Anglo Nubiano, Boer, Dorper e Santa Inês) a mais de 7,5 mil famílias de agricultores em 126 municípios. ■



Bacia do Jacuípe

14 municípios

Baixa Grande, Capela do Alto Alegre, Gavião, Ipirá, Mairi, Nova Fátima, Pé de Serra, Pintadas, Quixabeira, Riachão do Jacuípe, Serra Preta, Várzea da Roça, Várzea do Poço.

População: 247.458

PIB 2007 (milhões): R\$ 664,25

Programa do governo desenvolve a caprinovinocultura e estimula a agricultura na Bacia do Jacuípe





Rede Pintadas sai na frente

Quando era garoto, o agricultor Manuel Messias da Silva, hoje com 44 anos, acostumou-se a ver os pais plantando feijão, milho, quiabo, dentre outros alimentos, e nada colher devido ao sol inclemente da região de Pintadas. Cresceu vendo esse panorama se repetindo, até que há três anos soube da rede Adapta Sertão, implantada ali por organizações brasileiras e italianas para desenvolver, junto com a Prefeitura, um projeto de adaptação ao clima, produzindo alimentos com irrigação por gotejamento ou pela técnica da hidroponia.

Curioso e disposto a revigorar as lavouras de sua propriedade, Manuel Messias empolgou-se com o kit solar e viu que o mesmo sol que fustiga também gera energia. “Através das placas solares vi que o programa aproveitava a pouca água que a gente tem para dar nova vida ao campo”, empolga-se. A água que existe na região é bombeada até um tanque suspenso. De lá, ela desce por gotejamento pelos canos ou mangueiras. “Antes não tinha produção, hoje tem. Colho tomate, couve, quiabo, alface, espinafre, rúcula e salsinha. Isso tudo só dependia de água”, ressalta Manoel.

Pintadas não foi escolhida por acaso, entre centenas de cidades do semiárido brasileiro. Solidariedade entre os setores da sociedade civil organizada

já era seu forte desde a emancipação de Ipirá, em 9 de maio de 1985. Nesse mesmo ano, um processo de grilagem contra 16 famílias na comunidade de Lameiro provocou um forte revide dos produtores rurais, apoiados pela Igreja Católica (seguidora, naquela paróquia, da Teologia da Libertação) e pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pintadas. Ao fim do processo, a posse da terra ficou com os camponeses e novas lideranças surgiram.

Cooperação – Hoje a pequena cidade, situada a 272 km de Salvador, é referência quando se fala de práticas de associativismo e cooperativismo através da Rede Pintadas, nome pelo qual é popularmente conhecida a Associação das Entidades de Apoio ao Desenvolvimento de Pintadas. Ao todo são 11 entidades, entre cooperativas, associações, instituições religiosas, culturais e produtivas, executando projetos sociais em parceria com a população e os governos municipal, estadual e federal.

“A Rede foi institucionalizada em 2003. O processo de cooperação ganhou fôlego com o surgimento de um fórum de discussão de políticas públicas, constituído por representantes de organizações da sociedade civil”, explica o coordenador, Vandelson Gonçalves. O fórum funcionava como instância consultiva, acompanhando as ações

da Prefeitura e propondo políticas que contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida da população local a partir das solicitações apresentadas pelas instituições participantes.

Entre os principais integrantes desse processo de convivência produtiva com a seca está a ex-freira Nereide Segala, atual presidente da Cooperativa Ser do Sertão (Coopsertão). Ela trocou Santa Catarina por Pintadas na década de 70 e está há 23 anos na cidade. “As pessoas que catam acerola no quintal de casa trazem para cá. Pagamos R\$ 1 por kg. Outras pedem aos vizinhos: ‘posso catar umbu?’, quer dizer, mexe com a economia local.” A Coopsertão é referência no comércio de mel, hortaliças e polpa de frutas. Só compra produtos originados da própria Pintadas.

“Em Pintadas faltava gestão, qualificação do processo produtivo e como escoar o produto. Um diagnóstico apontou que as atividades da região se concentravam em agricultura familiar, artesanato, manipulação de alimentos e costura. Tivemos que trabalhar esses fatores”, explica Nereide Segala.

A ex-freira Nereide Segala e Vandelson Gonçalves mostram que a cooperação é o melhor caminho para o desenvolvimento



Cooperação, história e arte

Associação das Mulheres Pintadenses - Pintadas

Organização sem fins lucrativos, fundada em 1999, a Associação das Mulheres Pintadenses foi criada por um grupo de mulheres com o propósito de promover a sustentabilidade das famílias do município por meio do trabalho feminino. A entidade administra o **Telecentro, o Restaurante, Padaria e Lanchonete Delícias do Sertão e o Espaço Arte da Mulher**. Este último, situado no Mercado Municipal, é ponto de encontro para quem quiser conhecer, aprender e desfrutar os produtos da Associação das Mulheres Pintadenses, parceira do Programa Sertão Produtivo, lançado em 2009 pelo governo estadual.



Fazenda Cais – Baixa Grande

Quem visitar a Fazenda Cais, em Baixa Grande, na Bacia do Jacuípe terá a oportunidade de ver uma típica jóia arquitetônica erguida na primeira metade do século XIX. O local pertenceu ao tenente-coronel da Guarda Nacional Manuel Ribeiro Soares, fundador da cidade de “Baixa Grande”. **Se quiser agendar uma visita, ligue para (74) 3258-1083 e fale com a proprietária, D. Lita.** Fica a 16 km da sede do município.

Mercado das Artes e Artesanatos de Ipirá João de Souza Góes

Se você quer mesmo conhecer os encantos da “civilização do couro”, precisa fazer uma visita ao Mercado Municipal de Ipirá, onde dezenas de boxes oferecem o que há de melhor no ramo da selaria e também no setor de roupas rústicas, como o jaleco de couro de carneiro. Fica no Centro de Ipirá e **funciona de segunda a sábado, das 8h às 18h**. Em algumas noites, são realizados shows na parte central, em frente aos boxes de bebidas e comidas.



O artista por ele mesmo

“Antonio Ribeiro da Conceição

A flor do norte baiano

Companhia brasileira

Da República Federá

Moço do Código da Lei

Agidor do errado

Cachola que Deus me deu

Inspetor juramentado

Se perguntar cadê ele, tá aqui o seu criado

Filho de Mané Jararaca

Que mora na Loca da Péda

E se meter o pé com ele

Vai ver o rolo da queda

Este moço que está na sua beira

Cravo das moças

E alecrim que cheira

Filho de Isabel Ribeiro da Conceição

Doceira, louceira, benzedeira

Parteira e outros eiras como parideira...

E foi do ato de parir

Que nasceu Bule-Bule

Cantador e repentista

Bem ali na cidadezinha de Antônio Cardoso

Final do Recôncavo baiano, começo da Caatinga

Portal do Sertão baiano”

Conversar com Bule-Bule é assim: uma experiência de deleite poético. Se cutucar, pra cada tema há uma trova. Sai verso que é uma beleza, abrilhantado pelos olhos faiscantes de negro cantador. Riso fácil, senso de humor malicioso, Bule-Bule é um “cabra” inteligente, de memória prodigiosa, como há de ser um cantador que já passou por poucas e boas nesse Brasil.

Em cada fiapo de barba parece haver um verso, um causo, um aboio, ou mesmo um cordel inteiro. Sua imagem, alpercata e chapéu de couro de aba virada, como Lampião e Luiz Gonzaga, representa não só o Portal do Sertão, mas encarna na mídia, para muitos, a porção sertanista da diversa Bahia, cujo território, é bom lembrar, está 70% incrustado no semiárido.

Certa feita, recém-chegado às imediações do Mercado Modelo, já nos anos 70, perguntaram-lhe se não se cansava de ficar ali, vestido de sertanejo, só para tirar foto com turista. “Uso essa roupa porque gosto, me sinto bem, e não para tirar fotografia”, respondeu ao abelhudo. Ainda assim, com todo o folclore, o poeta é contra certos engessamentos conceituais: “Eu não canto o sertão da seca, da fome, só canto o sertão da fartura”. Para ele, já tem gente demais cantando os riachos secos e boiadas cadavéricas.

Mas nem tudo em sua vida foi de versos, cantorias e andanças pelo Brasil. A vida de menino pobre sertanejo cobrou cedo seu preço e Tõe de Manezin logo teve que pegar no pesado, plantando feijão, milho e mandioca com o pai. “Eu sou interiorano, sou da roça mesmo, mas tive contato com a cidade logo cedo, com as duas realidades, mas minhas raízes nunca perdi”, ressalta. Quando tinha festa, então, o samba rural morava em sua casa, na figura do pai, Manezinho Jararaca, cantador de tiranas e rezador, e dos tios, irmãos de D. Isabel. Todos sambadores – no sertão rural não tem sambista.

Cresceu vendo gente se curando no catolicismo afro-caboclo das



caatingas, sendo rezado com ramos de plantas, bebendo chá pra curar males do corpo, mascando fumo, cheirando rapé, fazendo fé em São José pra uma chuvinha molhar a terra. O pai lhe comprava cordéis de Leandro Gomes de Barros e outros, adubando sua imaginação.

A vocação estava no sangue, mas precisava de uma revelação que, de repente, “veio num estalo de loucura, a gente faz a coisa e sente que tem campo pra sobreviver daquilo e um dia encoraja, determina e assume. Eu assumi logo cedo”.

Mas a dúvida persiste, o que é mesmo o tal do Bule-bule? É o próprio quem responde: “bule-bule é o casulo, é o bicho-da-seda, a lagarta em fase de metamorfose pra virar borboleta. Se a lagarta é pequena, o bule-bule é pequeno; se a lagarta é grande, o bule-bule é grande”, explica.

Em 1965, o jovem despede-se de seus pais e, aos 17 anos, vai morar em Feira de Santana, que nesse tempo já era um lugar de cantadores e cordelistas, além de vasta rede comercial. Trabalhou em organização de ruas públicas, encarregado de obras de construção civil e fazendo calçamento. Nos fins de semana, com a viola afiada, ia participar das cantorias.

Em 73, já como Bule-Bule, veio para

Salvador e trabalhou em uma empresa chamada Sampra, no Lobato. Em meados da década vai para Paulo Afonso. “Foi lá que me firmei e passei a pelejar com repentistas da Paraíba, Pernambuco, Alagoas e outros do norte baiano.” Passou a trabalhar, então, em uma rádio local, apresentando o programa O Sertão e o Poeta. Corria muito dinheiro por ali, devido aos inúmeros empregados da Chesf. E para onde o dinheiro vai, os repentistas também vão, com suas violas de dez cordas penduradas.

Em 5 de outubro de 77, em Salvador, participou da fundação da Ordem Brasileira dos Poetas de Literatura de Cordel. Após a criação da Ordem, Bule-Bule e seus colegas receberam da Prefeitura um espaço no Mercado Modelo, onde estão até hoje. Em 79 ele grava seu primeiro LP, Cantadores da Terra do Sol, junto com Zé Pedreira, de Feira de Santana. Depois vieram os CD A Fome e a Vontade de Comer (com Antonio Queiroz), Licutixo, Só não Deixei de Sambar e Téo Azevedo e Bule-Bule. Se depender do cordelista, vem mais por aí. ■



As mãos calejadas e as unhas longas buscam a musicalidade dos chocalhos de bode do sertão

Poeta do sertão farto, Bule-Bule carrega suas raízes nas vestes, aboios, repentens e cordéis



Samba de Umbanda renova a tradição

*“Quero beber minh’ água
Com a cuia na mão,
A lagoa secou,
Vou beber no caldeirão”*

Quando o boi, carro-chefe do samba de umbanda, sai na rua, a alegria é uma só. A meninada toma carreira, faz arrelia e pirraça o bicho, sem medo do sol. Um grupo com umas 20 pessoas se divide entre a instrumentação – violão, matraca, agogô e pandeiro – e a dança efetivada pelas filhas de santo, devidamente paramentadas, numa mistura de bumba-meu-boi e samba-de-roda. Todos param para olhar, até o mais distraído bate os pés. O samba é de uma estrofe só, do mesmo jeito que era antes de se modernizar em terras cariocas. *O mundo de Deus é grande / Cabe numa mão fechada/ O pouco com Deus é muito/ O muito sem Deus é nada.*

Airton Andreilino Santana é quem puxa o cortejo. Filhas de santo incorporam. “O samba de umbanda significa a alegria, vai dos pequenos ao grandões, precisamos manter a cultura”, comenta Airton. O violeiro Pasqual de Lima, 85 anos, relembra os primórdios da festa. “Antes a gente saía tocando dois, três dias sem parar. As mulheres mandavam a comida e o pessoal ia procurando em que povoado a gente estava.”



O Samba de Umbanda mistura bumba-meu-boi e samba-de-roda para a alegria de várias gerações em Baixa Grande



Quixabeira da Matinha no mapa do samba

Seria apenas mais uma comunidade neste vasto semiárido, não fosse um feito que os tempos não apagarão: Matinha colocou Feira de Santana no mapa do samba-de-roda. A proeza coube ao grupo Quixabeira da Matinha, criado em 1989 por Marcos Gonçalves de Souza, o Coleirinho da Bahia (1938-1995), que em 1992 participou de algumas faixas do LP Da Quixabeira pro Berço do Rio. Foi através desse disco que o músico Carlinhos Brown conheceu a faixa Quixabeira, gravada posteriormente por ele em seu álbum Alfagamabetizado, de 1996. Daí pra frente, a fama do grupo cresceu.

Samba-de-roda, samba-de-caboclo, cantiga de reizado, bata de feijão e cantigas de antigos rezadores e rezadeiras são passadas de pai para filho na periferia da comercial Feira de Santana. Para implementar melhor as ações na área de produção cultural, o Quixabeira fez uma parceria com o Centro de Apoio ao Trabalhador Rural da Região de Feira de Santana (Catrufs). “Além de apoio cultural, eles precisavam de assessoria técnica, e é a partir desta parceria que nós vamos lançar em 2010, através do Fundo de Cultura, o primeiro DVD do grupo”, festeja um dos integrantes do Centro, Gilberto Marques.

Da Bahia para o Brasil: Chula!



Métrica de cordel e pisada de batuque: a chula de Mundo Novo é a trilha sonora mais tocada no Piemonte do Paraguaçu

Se existe uma trilha sonora perfeita para os caminhos e paisagens do Piemonte do Paraguaçu, esta música é a chula, que naqueles pés-de-serra e lagedos é uma espécie de hino que pode exortar o torrão natal, os amores correspondidos, as amizades e outras virtudes e defeitos da existência do sambador. Temas que definem um sentimento de pertencimento ou de distinção, dependendo dos ouvidos de quem escuta. Pinicada em um cavaquinho, ritmada em um pandeiro, cantada em duas vozes, é uma espécie de samba de boiadeiro. Métrica de cordel, pisada de batuque.

Quando o peão dança, a espora corta o chão de barro batido, a poeira sobe, as garrafas baixam o nível, enquanto a espiga de milho torra na brasa. Atualmente, os principais mestres da cultura popular e embaixadores da chula são Gildásio da Barra e Téo de Bié, Bel de Modesto, assim como Silvano e Zé Beté, que não participaram da cantoria especialmente montada para a Bahia de Todos os Cantos. “Os mais antigos que eu lembro eram Cipriano e Virgínio. Quando eu me entendia por gente, com 14 anos, eles já estavam velhinhos nos sambas que a gente fazia lá no Cobé”, relembra, aos 83 anos, Bel, filho do lendário Modesto de Ipirá, sambador afamado no povoado de Cobé, na zona rural de Mundo Novo. Com o pai, ele aprendeu a metrificar aos 14 anos e a fazer as saudações rimadas, conforme a ocasião e a festa. Despertado o dom da rima, uma saudade virou música em dois tempos na cachola do menino.

Segundo Téo de Bié, “no início da chula não tinha cavaquinho, não; era um ou outro; era mais pandeiro, prato e cuia, depois foi civilizando”. Artista de mão cheia, seu nome de batismo é Amarailson Souza, mas nem em casa lhe chamam pelo nome de batismo. Téo é a segunda voz mais afamada dali. Não compõe, mas seu cantar sombreia, uma oitava abaixo, a voz principal, que no caso é Gildásio.

Aos 50 anos, Téo de Bié (Bié era seu pai, o sambador Gabriel) já rodou por este Brasil: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. Foi vaqueiro, ajudante de pedreiro e guardou a chula no coração durante décadas porque não tinha parceiros por lá. Ao voltar para sua terra natal, Mundo Novo, encontrou Gildásio Araújo de Oliveira, aos 64 anos, ou simplesmente Gildásio, compositor. Guarda lucidez e musicalidade sob o chapéu de couro que dificilmente tira. A música está em sua vida como os calos em suas mãos. Já com 14 anos, relembra ele, “capinava o terreno mais meu pai cantando boi de roça, decorando os refrões, olhando os mais antigos criar na hora”.

Como muitos meninos dali, Gildásio caçava passarinho e buscava coquinho de licuri nas paragens próximas. Foi na música, entretanto, que se encontrou: “Depois ia pra rezas e cantava também, ia nas casas, olhava os amigos cantando e seguia com o dom que Deus me deu.” A Chula de Mundo Novo, composta por ele, é uma aula de história.

De Ipirá para o mundo

Recheado de nordestinidade, o cantor vai do samba-de-roda à chula sem perder o compasso

Dividido entre o sertão e o Recôncavo, Raimundo Sodré incorporou influências musicais das duas regiões

Naquele 23 de julho de 1947, quase perdido na poeira do tempo, Raimundo Sodré nasceu, causando rebuliço na vizinhança. Dona Laura Rosa Brandão, sua mãe, veio de Salvador a convite da irmã, Isaura, para parir em Ipirá. Ali teria assistência familiar e inclusive espiritual, pois a tia era mãe de santo de um terreiro de candomblé Angola. Na hora H, a parteira detectou um problema: o menino estava atravessado na barriga. Foi aquele deus-nos-acuda e correram a chamar o doutor Delomé Martins. Com jeito e oração, aquele menino com goela de cantor logo já berrava a sua chegada no mundo.

O pai, Anacleto Pereira Sodré, era ferroviário e trabalhava como maquinista na Leste Brasileira. A mãe, vivia do artesanato de renda de bilro. De um rápido romance nascera o menino, sem que os pais se casassem. Filho único de ambos, Sodré já veio assim, dividido entre o sertão e o Recôncavo desde o útero. A mãe, filha de Mundo Novo, sertão da chula. O pai era natural de Santo Amaro, terra do samba-de-roda. Sodré, então é como a própria Ipirá, situado na fronteira invisível entre o jabá e a moqueca, o mandacaru e o canavial, Lampião e Besouro Mangangá.

“Quando eu tinha oito anos, estava na casa de minha tia Isaura quando Augusto Carixá, ogã e muito amigo de minha tia, me ensinou a tocar atabaque, meu primeiro instrumento”, lembra Raimundo. Ele então começou a contar os tempos e os ritmos, até que um dia uma cadência conhecida, bem cotidiana naquele local, lhe chamou a atenção: a batida de socar no pilão, a socagem da massa, propriamente dita: “Foi na batida do pilão que, sem querer, eu já estava com a ideia inicial da música ‘A Massa’. O pilão esmagava milho, café, mandioca, tum-tum-tum, e eu ia batendo paracatá, paracatá”, conta o músico.

Estudando no Colégio Central, reduto da militância estudantil nos anos 60, consegue entrar na Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, mas desiste após um mês. “Faltou dinheiro....” Corria o ano de 72, a solução encontrada foi arriscar São Paulo. Lá chegando, trabalhou em financeira, deu aula de violão e fez shows em barzinhos. Em 1973, vai morar com o pai em Santo Amaro; entra como cantor no conjunto de baile de Bento Soares.

Em Santo Amaro, logo conhece dois futuros parceiros: Roberto Mendes e Jorge Portugal, que eram do Grupo Sangue e Raça, juntamente com Luciano Lima, Cidinho, Beusa e Artur Dantas. Sodré entra no grupo em 74. “Era uma proposta de música ligada ao teatro,



mas eles eram muito eruditos, e eu trouxe a chula pra o grupo. Roberto Mendes aprendeu a chula foi comigo e não com Caetano”, ri.

Em 1975, participa da montagem “Sete Poemas Negros”, do escritor Ildázio Tavares, e em 78 da peça “Oxente Gente, Cordel”, espetáculo premiado pelo Serviço Nacional de Teatro como o melhor do ano. Viajam para Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro. Na capital carioca, o grupo se desfaz. Sodré fica, e volta a dar aulas particulares de violão e toca em vários lugares.

Devido ao êxito dos shows, o artista faz um teste na Polygram e deixa registradas sete músicas, dentre elas A Massa. “Quando foi um dia, me ligaram e disseram: “os homens querem falar com você”. Cheguei lá e me disseram que a queriam para o festival (MPB 80, produzido pela Rede Globo de Televisão).” Em abril de 1980, A Massa classifica-se por aclamação na segunda eliminatória do festival e a gravadora não perde tempo, lançando o LP de estreia com o mesmo nome. Ao fim do concurso, ficou em terceiro lugar, mas o hit, dele e de Jorge Portugal, já estava na boca do povo. A chula de Ipirá ganhou o Brasil. O LP ganha disco de ouro, com mais de 100 mil cópias vendidas. A reboque do sucesso, participa do festival Latin Percussion, em Nova Iorque,

sua primeira incursão internacional.

Em 1981 a população de Salvador protesta nas ruas contra o aumento das passagens de ônibus. Sodré é convidado para inaugurar o viaduto do Aquidabã. Faz comentários sobre a política brasileira e depois canta o frevo “Odara ou Desce”. Segundo o artista, acusado de apologia à violência, suas músicas param de tocar nas rádios. “A partir daí não me deixaram mais tocar na Bahia e, mais tarde, também tive cerceamento nos veículos de comunicação”, relembra. Abatido pela falta de repercussão do seu segundo trabalho, Raimundo Sodré sai da Bahia e vai morar em Manaus. Em 1983, lança Beijo Moreno. Nesse ano, participa do Festival de Música Francesa, realizado em Paris, sendo o primeiro artista brasileiro convidado. Em 1990, toca no Carnaval de Nice (França) e decide morar naquele país.

Sodré volta a morar no Brasil em 2000. Três depois lança o CD Dengo, quinto trabalho de sua carreira. Atualmente ele prepara o seu sexto CD, que será lançado ainda este ano e contará com novos parceiros, como Jorge Franklin e Puluca Pires, este último, mestre da representação de Ipirá no campo da poesia. A fonte de Sodré, felizmente, está longe de secar. ■



Os sons da roça e do candomblé de Angola inspiraram os primeiros passos do artista na música

O menino que nasceu berrando virou gente grande e mostrou que em Ipirá também se faz chula



Lero Preto

“O homem que mais se destacou foi um certo Aurelino Martins dos Santos. Sua família o apelidou de Lero e a comunidade o chamava de Lerão ou Lero Preto, por sua ousadia e poder de fogo.

Certa feita, Lerão estava tomando cachaça num bar quando se aproximou outro cidadão e perguntou. ‘Você é o Lerão Valentão?’. A resposta foi um murraço na caixa dos peitos, o cara caiu por cima das mesas do bar. Quando tentou levantar, Lerão já estava com uma peixeira na mão. Bateu na cara dele, depois lambeu a peixeira e botou na bainha. O rapaz correu e foi falar com os policiais, que o agarraram e disseram: ‘Se entregue!’. Lerão deu um esturro que parecia um Leão, empurrou os dois policiais e em menos de segundo já tinha três revólveres. Os policiais diziam: ‘Se entregue, Lerão’, e ele respondia: ‘Não entre, seu praça, se não eu lhe atiro’, afastando-se de costas.

Correu pelo fundo da casa, saiu na Rua Geminiano Lobo e com o dedo no gatilho, girava o revólver em sentido horário, disparava um tiro para cima e repetia: ‘Não entre, seu praça...’, até que chegando na caatinga ele desapareceu. Pediram reforço em Ipirá. No mesmo dia, veio uma viatura com cinco policiais. Os policiais armaram a emboscada: ‘Vamos atacar à meia-noite, quando ele estiver dormindo’. Lero, por sua vez, já imaginava: ‘Aquela raça ruim vai vir aqui e eu vou me preparar’.

Pegou três cartuchos de pólvora, três quilos de chumbo, socou tudo dentro de um bacamarte e foi deitar. Os policiais saíram à meia-noite. O caminho tinha uma bifurcação e eles foram parar na casa da mãe de Lerão. Cercaram a casa e gritaram: ‘Polícia, Lerão, abra a porta e se entregue!’. A velhinha abriu a porta e disse: ‘Lero Preto não mora aqui, não.’ Os perseguidores insistiram: ‘E onde mora?’. A mãe disse: ‘Voltem e entrem no outro caminho.’ Enquanto eles

voltavam, a velhinha correu e disse: ‘Lero, meu filho, se previna que os policiais estão chegando.’

Na ponta do pé, os policiais cercaram a casa. Só que Lerão, avisado, escondeu-se no mato e de lá detonou o bacamarte; eles caíram por terra e desceram a ladeira com o calcanhar batendo na bunda até chegarem onde estava o delegado, que logo disse: “Eu falei que o homem é o diabo! Ele tem parte com o cão, ele tem a fava da índia no corpo!”

Há indícios de que Lero Preto transformava-se em pé-de-pau, galho seco, e, pior, ele desaparecia quando via que estava perdendo as suas forças. Todo ano festejava São Jorge como padroeiro e Nossa Senhora como madrinha e advogada. Sambava até amanhecer o dia. Houve apenas um inimigo que Lero não conseguiu vencer: a velhice. Pela rádio da cidade, convidou todos os amigos e parentes para lhe visitar antes da morte.

Segundo familiares e vizinhos, a casa de Lero Preto hoje é mal assombrada, causando arrepios nos que passam diante dela à noite. O povo na comunidade afirma que ele foi para o céu. Outros dizem que sua madrinha, Nossa Senhora, pediu a São Pedro para deixar ele entrar e que São Jorge logo o chamou para ficar em seu quarto, esperando o dia do Juízo.”



Cleidenea Bastos,
historiadora



Prisão e morte de Lucas da Feira

“Lucas da Feira era um escravo que morava numa fazenda, aqui em Feira, com dona Maria. Então, a dona Maria vendeu a fazenda com a porteira fechada, com todos os escravos, a um padre. O padre queria que Lucas fosse um cidadão de bem, aí botou ele na escola e na tenda de carpintaria para se profissionalizar, mas ele não aceitou.

Fugiu pra não estudar, pra não trabalhar. Chegou a sentir fome e passou a roubar, achando que roubar era um bom negócio. Lucas deu sorte, roubou uma carga de munição que deu um dinheiro bom na época.

Então ele conseguiu algumas pessoas para serem parceiras dele e com esse dinheiro do roubo da munição ele construiu um quilombo, tirou a família da escravidão e passou a ser um bandido de alta periculosidade. Só que, além de roubar, ele era muito perverso, gostava de explorar a cor branca, a mulher pra ele, quanto mais branca, mais ele explorava.

Um comparsa e compadre dele que o traiu foi o Cazumbá, que era funcionário do governo e praticou um crime; para não ser punido, capturou o Lucas. Então Lucas foi pra Salvador, julgado e condenado. O dom Pedro queria conhecê-lo



pessoalmente. Levaram ele pra o Rio de Janeiro, depois voltou pra Feira de Santana e foi eliminado na Praça dos Nordestinos.

Alguns dizem que ele tinha sócios ricos. Outros, que ele era a favor dos escravos. Claro que ele era, pois era o povo dele. Aqui em Feira de Santana o mito é que ele roubava para os pobres. Se for fazer um plebiscito, com o voto espontâneo do povo, ele era herói, mas há 170 anos ele matou uma média de 150 pessoas, no geral.”



Jurivaldo Alves da Silva, vendedor de cordéis e autor do cordel Lucas da Feira

O ouro enfeitado

“Meus pais têm um sítio a 2,5 km de João Amaro. Quando eu tinha 10 pra 11 anos fui pra lá e, certa noite, estávamos sentados na porta eu, meu pai, minha mãe e a vizinha quando, de repente, vimos uma claridade no céu. A claridade nos chamou a atenção porque era um círculo grande. Ficamos amedrontados. Essa claridade ficou acima de nossas cabeças 30 segundos e depois sumiu atrás do morro. Meu pai falou que acontecia aquilo às vezes, quando o ouro mudava de lugar, o ouro enfeitado. Aí eu disse: Por que o senhor não me falou antes? Eu teria dado um jeito de agarrar, né? Meu pai explicou: ‘Deixe isso lá, não te pertence. É de alguém, e se está mudando de lugar é porque alguém foi à procura. Ele se esconde, é enfeitado...’

A gente acreditou porque foi contado por pessoas mais sábias e ficávamos de ‘boca aberta’, afinal, o ouro, uma coisa pesada, mudando de lugar?”



Sylmara Carvalho, 24 anos, auxiliar-administrativa, moradora de João Amaro, distrito de laçu



Feira de Santana

Chegamos a Feira de Santana e fomos à famosa “Feiragui”, onde se encontra de (quase) tudo por um preço (quase) sempre menor. A equipe se dispersou pelos corredores à procura de “genéricos”. No final da expedição, o carro estava mais carregado: camisas, bonecas de pano e brinquedos infantis. Haja bagageiro!

PORTAL DO SERTÃO



PIEMONTE DO PARAGUAÇU



João Amaro

João Amaro saiu melhor que a encomenda. Encontramos contadores de causos, lava-deiras do Paraguaçu e, para nosso deleite, a prainha. Depois de uma semana fritando sob o sol escaldante do sertão, foi irresistível. Demos um tempo nas câmeras, canetas, papéis, pautas... e tchibum!

Mundo Novo

Devido aos inevitáveis atrasos que acontecem nas expedições jornalístico-identitárias, o mestre da cultura popular em Mundo Novo, Bel, emérito compositor e tocador de chulas, deu bronca na equipe. Pedimos desculpas e, com bom humor inegável, Bel respondeu: “Agora é que eu só saio de madrugada!”, devolvendo na lata.



Irará

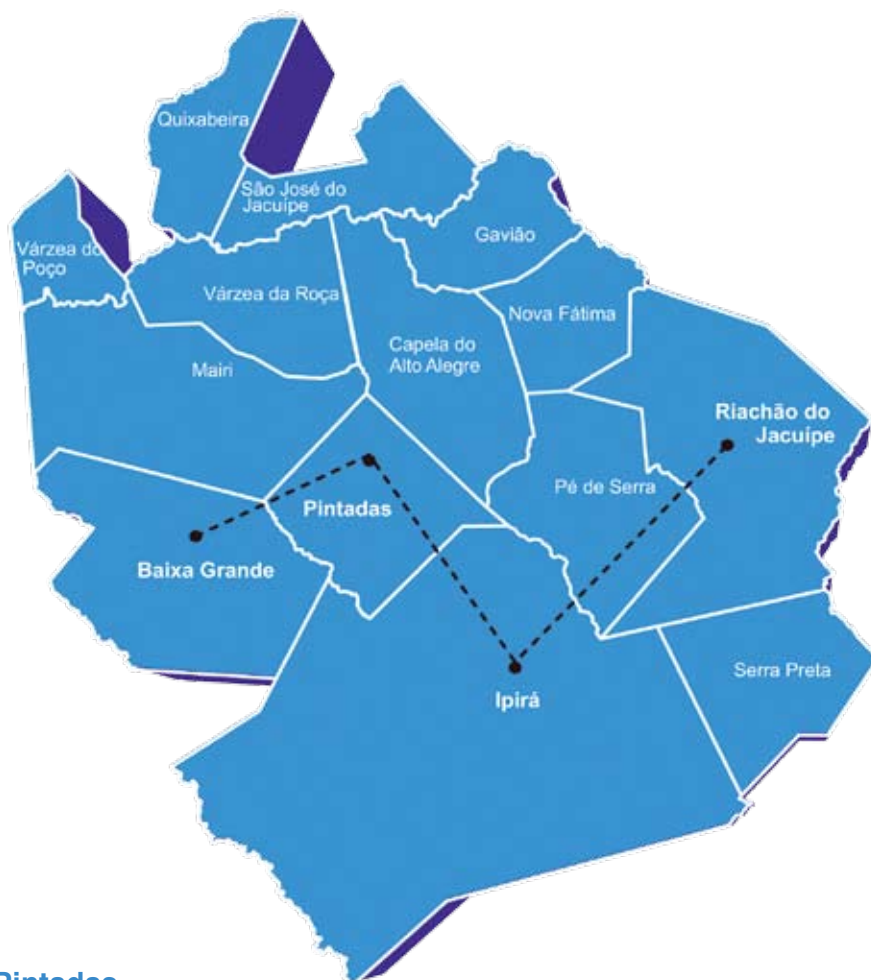


Surpresas acontecem diariamente com a equipe desta revista. Uma delas é descobrir que a antiga profissão de cesteiro viceja nas catin-gas em tempos sintéticos. Numa dessas quebradas, encon-tramos um senhor que, na paz do seu sítio, confeccionava o utensílio. Para chegar lá, “dicas rurais”: “Vocês vão por essa estrada e viram à esquerda depois do buritizeiro”; “viram à direita depois da lagoa seca”, disseram outros. O cesteiro nos acolheu com sua família e revelou o maior temor em seu ofício - as abelhas. É que os cesteiros puxam os cipós trança-dos nas árvores da mata. Se houver uma colmeia pendurada, eles, literalmente, puxam o problema pra si, podendo morrer devido a centenas de ferroadas. Vivendo e aprendendo.

BACIA DO JACUÍPE

Ipirá

Uma das mais gratas surpresas da viagem foi ter assistido a um show do cantor e compositor Raimundo Sodré em sua terra natal, Ipirá, em pleno Mercado Municipal. Nada foi agenda-do, apenas uma feliz coincidência que contemplou a equipe, de passagem pela região. Na plateia, um buxixo: se o público pedisse *A Massa*, o homem poderia se chatear e terminar o show mais cedo. Puro boato. Cantou a músi-ca duas vezes.



Pintadas

Quando a gente pensa que sabe de tudo um pouco nesse mundo, eis que aparece na Feira de Pintadas, para espanto geral, um tal de quiabo bobó (ou quiabobó). Nem os habitantes de lá conhe-ciam a verdura, mais grossa que uma cenoura. Tentei trazer até Salvador uns exemplares, mas uma implacável faxina no carro levou o quiabobó embora.

Curiosidade

Foi somente no ano passado que a ONU destacou o papel das fibras naturais diante de outros materiais poluentes, como as sacolas de plástico. Em todo o Sertão da Bacia do Jacuípe, há séculos famílias do local trançam seus próprios bocapius utilizando a palha de ariri, palmeira à prova de secas e abundante na região.



Doce de Abacaxi

3 abacaxis grandes
6 bananas d'água (ou da prata)
800 gr de açúcar
50 gramas de coco ralado
cravo a gosto
cozinhar durante 90 minutos
Mixer bem o doce. O ponto se dá quando na fuxada da colher de pau, o doce vem junto e dá para ver o fundo da panela.



O primo do quiabo



Quando a gente pensa que conhece, pelos menos, as verduras que consome, eis que aparecem gostosas novidades em Pintadas. O tradicional quiabo tem um "primo" chamado de quiabobó (ou quiabo bobó). A abóbora também tem uma prima por lá, do mesmo tamanho e formato que um abacate, o caxixe.

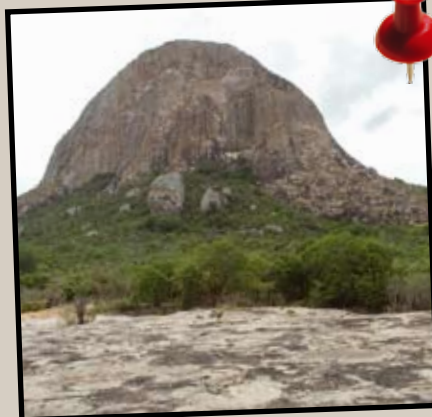


Couro em toda parte

A quantidade de fábricas de couro é impressionante em Malhador. Não há rua em que não se ouça um martelar. A expectativa de compradores de outros estados (Rio, São Paulo ou Minas Gerais) é grande, por isso as fábricas não param.

CÔFOS

Toda a economia do sertão passa pelas hábeis mãos do cesteiro. O feijão, a farinha, o embrulho com a roupa nova e os brinquedos da meninada. É ele quem faz cestas, balaies, aiós e côfos utilizando cipó ou palha.



A Pedra de Itaberaba

É curioso como locais históricos, dignos de visita e estudos sobre o homem pré-histórico na Bahia, não tenham despertado a atenção da comunidade científica. A Pedra de Itaberaba é um desses locais. Sítio pouco conhecido de inscrições rupestres, não há nenhuma placa de sinalização para chegar lá.

Falando Baianês

Aió – tipo de cesto cilíndrico para armazenamento de alimentos.

Angico – madeira utilizada em infusão para dar cor avermelhada ao couro de boi.

Barrunfar – molhar com água.

Caxixe – pequena abóbora.

Cerdo – pelo do pescoço do porco que é utilizado como agulha.

Charqueada – estabelecimento onde se charqueia (salga) a carne bovina.

Corda de croá (ou caroá) – tipo de fibra artesanal feita com a planta caruá, da família das bromélias, utilizada como corda e arreio.

Curtidor – aquele que curte, prepara o couro do boi para os artesãos e indústrias do ramo.

Dismintir – luxar, descolocar, torcer um (um dedo ou o pé etc.).

Encoivarar – queimar.

Estribo – Peça de metal, madeira ou sola, onde o cavaleiro encaixa os pés após montar.

Loro – correia dupla afivelada à sela e que sustenta o estribo.

Losna – planta cujo cheiro lembra absinto, utilizada em infusão com cachaça.

Mangalô – tipo de legume semelhante ao feijão.

Mutamba – enxada.

Quixabeira – é a árvore que dá uma frutinha preta chamada quixaba; suas folhas são utilizadas para remédios caseiros. Dá nome a grupos de samba-de-roda na zona rural de Feira de Santana.

Bahia embalada para crescer mais em 2010

A Bahia começa 2010 embalada pela recuperação da economia, dos efeitos da crise global e com boas perspectivas para crescimento econômico e desenvolvimento social. Com a conduta acertada na economia, conseguimos manter o consumo interno aquecido, um dos principais fatores responsáveis pelo crescimento do nosso PIB em 1,5%, ao tempo em que o Brasil não conseguiu crescer. Fomos o estado que mais gerou empregos no NE, abrindo mais de 71 mil novos postos de trabalho, sendo praticamente metade no interior.

O alinhamento com a União tem oportunizado conquistas para nossa terra. Somente no ano passado, a Bahia recebeu mais de R\$ 6,3 bilhões em investimentos federais, recursos que crescem a cada ano. O Governo do Estado também terá mais verba para investir no social, que no orçamento de 2010 apresenta acréscimo de 9,4% em relação ao ano anterior, com prioridade para saúde, educação, segurança pública e habitação.

Inauguramos em 2009 três hospitais regionais, ofertando 389 novos leitos, além da ampliação, recuperação e requalificação de 29 unidades hospitalares, o que vem garantindo a descentralização do acesso aos serviços de saúde, inclusive com o suporte de 277 Unidades de Saúde da Família. Este ano vamos inaugurar dois novos grandes hospitais, o Geral do Subúrbio, em Salvador, e o Estadual da Criança, em Feira de Santana, que juntos vão ofertar mais 510 leitos e 70 Unidades de Terapia Intensiva.

A questão da segurança pública vem sendo tratada com prioridade absoluta. Até junho, serão mais 2.227 policiais militares reforçando o policiamento ostensivo em todo o estado, além de novas viaturas, coletes e armamentos. O crime organizado vem sendo coibido com a ampliação dos investimentos em inteligência, tecnologia e capacitação profissional. Mas ainda é preciso avançar, por isso os investimentos em segurança pública para este ano são ainda maiores, mesmo tendo aumentado em 20% entre 2007 e 2009.

Com o maior programa de alfabetização em andamento no Brasil, o Topa, mais de 460 mil baianos foram alfabetizados. Nossa meta é chegar ao número de um milhão de pessoas até o final deste ano. O Plano Estadual de Educação Profissional e os cursos criados a partir das demandas territoriais garantiram o salto de 4 mil matrículas, em 2006, para 28.680 em 2009. O Governo da Bahia

já investiu, desde 2007, R\$ 140 milhões para reformar e construir unidades de ensino e são mais de R\$ 90 milhões destinados à construção de 102 escolas.

O Água para Todos vem ofertando água de qualidade para mais de 2 milhões de pessoas. Desde 2007, já foram construídas mais de 37,7 mil cisternas e perfurados 1,6 mil poços nas áreas que mais precisam de atenção. Assim, as famílias que conviviam historicamente com a seca agora têm acesso a água de qualidade.

Temos em andamento importantes obras de infraestrutura, como a Via Expressa, que além de abrir uma nova rota de transporte para o Porto de Aratu vai desafogar o tráfego na rótula do Abacaxi. A Ferrovia de Integração Oeste-Leste começa a ser construída este ano e vai resolver o problema do escoamento da produção baiana junto com o Porto Sul e um novo aeroporto internacional em Ilhéus.

A Bahia foi apontada como preferida pelos turistas brasileiros nos últimos dois anos e em 2008 foi considerada um dos destinos turísticos brasileiros preferidos pelos europeus. É o primeiro estado em receita e fluxo do Nordeste. Além das nossas belezas naturais e encantos históricos, isso tudo é fruto dos investimentos realizados. Mas para nossa terra ser cada vez mais agradável aos turistas, que não param de chegar, precisa, primeiramente, ser agradável aos baianos que têm seus

projetos de vida aqui.

Diversas ações estão em curso hoje para uma Bahia mais justa, com equidade social e crescimento descentralizado para todas as regiões. É para isso que estamos trabalhando. Já começamos a colher frutos importantes e a Bahia vive um novo período democrático, num rumo seguro em direção ao desenvolvimento sustentável. Muito ainda precisa ser feito e estamos planejando o crescimento olhando para frente, trabalhando com afinco para atingir as metas estabelecidas.

“Uma Bahia mais
justa, com
equidade social
e crescimento
descentralizado
para todas
as regiões”

Walter Pinheiro - secretário do Planejamento do Estado da Bahia.

QUEM LÊ SABE.



CLIPPING EGBA. VOCÊ SEMPRE BEM-INFORMADO.

Informação faz parte do seu dia a dia. E para você ficar por dentro de tudo, o Clipping EGBA reúne todas as notícias importantes do Governo, publicadas nos principais jornais e revistas do estado e do país, em um só produto. Um caderno personalizado, com mais conteúdo, entregue todos os dias nas primeiras horas da manhã, no seu endereço. Ideal para quem precisa estar sempre bem-informado. Faça sua assinatura. | 71 3116-2133 | www.egba.ba.gov.br.



**TRABALHAR PENSANDO
NO FUTURO É A MELHOR
MANEIRA DE COMEMORAR
A INDEPENDÊNCIA.**

200 ANOS DE INDEPENDÊNCIA BAHIA 2023

Em 2 de julho de 2023, a Bahia vai comemorar 200 anos de independência. E uma data tão importante precisa ser planejada com muita antecedência. Por isso o governo do Estado, através da Seplan, lançou o "Pensar a Bahia". Um ciclo de debates envolvendo sociedade, empresários e especialistas das mais diversas áreas com o objetivo de consolidar um plano de desenvolvimento para os próximos anos. Porque a melhor forma de homenagear aos que lutaram pela nossa independência no passado é trabalhar para conquistar um futuro melhor para todos nós.